

Quatro cartas inéditas de Freud dirigidas a um português

MARIA ALICE MALVA DO VALLE
ORLANDO SILVA SANTOS
FRANCISCO ALVIM
PEDRO LUZES *

O interesse pela Psicanálise em Portugal data do início do presente século. Egas Moniz (1874-1955), o futuro Prémio Nobel, descobridor da angiografia cerebral e da leucotomia, entre 1915 e 1928, antes das investigações neurológicas que o iriam tornar famoso, publicou vários artigos sobre as teorias e métodos da Psicanálise (Moniz, 1915, 1921, 1924, 1928). Tratou mesmo com êxito alguns casos de neurose, utilizando por períodos prolongados o divã, as associações livres e a análise de sonhos (Moniz, 1921).

Sobral Cid (1877-1941), professor de Psiquiatria da Universidade de Lisboa, e contemporâneo de Moniz, também se mostrou atraído, em alguns dos seus trabalhos publicados, pelas ideias freudianas. Embora com menos profundidade que Egas Moniz, empregou, na senda de E. Bleuler, conceitos psicanalíticos para obter uma melhor compreensão da vida mental dos esquizofrénicos (Sobral Cid, 1924).

Diogo Furtado (1906-63), embora mantendo o interesse teórico pela Psicanálise (Furtado, 1959), compreendeu que esta continuaria a marcar passo em Portugal, se alguns médicos

não tomassem a iniciativa de partir para o estrangeiro, para aí realizarem o seu treino analítico. Nessa direcção e com o generoso entusiasmo que o caracterizava, fez todo o possível para impulsionar alguns dos seus colaboradores a analisarem-se nos centros europeus, onde a Psicanálise se encontrava em pleno desenvolvimento.

Encontrou eco em dois dos seus colaboradores, Francisco Alvim e Pedro Luzes. Depois de alguns anos de permanência em Genebra, estes dois psicanalistas, em conjunto com dois psicanalistas espanhóis, formaram a Sociedade Luso-Espanhola de Psicanálise, aceite pela Associação Psicanalítica Internacional, no Congresso Internacional de Paris em 1957. Esta Sociedade ibérica, à qual dentro em breve se agregou João dos Santos, que tinha feito o seu treino em Paris, veio a cindir-se em 1966, dando então origem em Portugal à actual Sociedade Portuguesa de Psicanálise.

Fora do círculo científico e médico, foi-nos dado descobrir recentemente uma nova figura que merece um lugar especial na pré-história da Psicanálise em Portugal. Trata-se de Abel de Castro, que entre os anos de 1924 e 1929 trocou correspondência com Freud. Consultando-o sobre diversas matérias, obteve quatro respostas de Freud que nos parecem interessantes em si e além disso têm o valor de cons-

* Da Sociedade Portuguesa de Psicanálise. Além de Psicanalistas, M. A. M. V. e O. S. S. são Assistentes de Psiquiatria da Faculdade de Medicina de Lisboa, F. A. Professor do Curso Superior de Psicologia de Lisboa e P. L. Assistente do Curso de Filosofia da Faculdade de Letras de Lisboa e Professor do I.S.P.A.

tituírem os únicos documentos da mão de Freud, que até agora apareceram no nosso país.

A Sociedade Portuguesa de Psicanálise adquiriu as cartas de Freud e obteve a autorização da família de Abel de Castro para as publicar. Antes de passar a transcrever as cartas convém determinar quem foi Abel de Castro.

Informações colhidas junto de sua família, permitiram-nos averiguar que este nosso conterrâneo nasceu em 1900 e morreu em 1947. Licenciado na Faculdade de Letras (curso de História e Filosofia), foi adepto da Igreja Baptista. A sua conversão a esta Igreja deu-se aos 19 anos, sob a influência de um pastor brasileiro, de visita ao nosso país.

O título de Professor que usava, está ligado em primeiro lugar ao magistério exercido no Seminário Baptista Português. Mais tarde abandonou o Seminário Baptista e foi professor de algumas escolas liceais de Lisboa. Conservou o título de Professor, que nessa época era concedido aos mestres do ensino secundário.

Abel de Castro foi também jornalista e escritor. Colaborou em numerosos jornais ligados à Igreja Baptista e ao Movimento Evangelista nos anos de 1921 a 1927. A partir de 1927 os artigos de Abel de Castro passam a ter um cunho menos religioso, ocupando-se mais de problemas sociais e fazendo propaganda pela Democracia, pela República e pela Instrução Popular. Ele próprio chama às suas doutrinas dessa fase Pragmatismo Social. Também chegaram às nossas mãos dois livros da sua autoria de que falaremos a seguir: *A Valorização do Esforço* (1927) e *Filosofia Elementar* (1935)¹.

Como é sabido, os baptistas seguem uma doutrina aparentada à dos antigos anabaptistas, que reputavam inválido o baptismo conferido na infância. Na Igreja Baptista actual, o baptismo continua a ser administrado só aos adultos, considerados como os únicos capazes de

¹ Os nomes dos principais jornais em que colaborou são: *Vida da Fé*, *Triângulo Vermelho*, *Luz da Verdade*, *Jornal Evangélico* — no período de 1921-27, de maior proselitismo religioso; *O Rebate* (órgão do Partido Republicano), *A Educação Popular*, *O Raio* — no período mais republicano. Em 1933 desaparece a sua colaboração em jornais.

sentir a verdadeira fé e arrependimento. A religião baptista é sobretudo prática. Nega validade aos dogmas, considera os sacramentos como ritos ou símbolos.

Nos escritos de Abel de Castro encontramos, de acordo com as teorias baptistas, uma atmosfera de espiritualidade, liberdade e isenção de espírito dogmático. Desde a época em que os seus escritos tomam um carácter mais social, achamos neles as mesmas aspirações liberais e reformistas. A partir destas atitudes básicas devemos compreender a sua aproximação à Psicanálise e ao seu fundador.

As quatro cartas de Freud que hoje são publicadas pela primeira vez, foram escritas em inglês. A primeira (datada de 1924) é dactilografada, as restantes são autográficas. Pelo que diz respeito às cartas de Abel de Castro, nada se sabe acerca do seu conteúdo, a não ser aquilo que possa ser deduzido da leitura das respostas de Freud.

Eis a primeira carta de Freud:

Wien IX, Berggasse 19
4.VII.24

Dear Sir,

I prefer to write to you in English as you know that language and I unfortunately do not master yours.

*I have been very much interested by your letter, one of the few I have ever got from your country, and I am glad to give you my advice as far as I can. You ask me what books you can read in a language accessible to you. I see you have already got my Lectures and the Psychopathology of Everyday Life. There are besides in French two little books, the first *La Psychoanalyse* (Payot) and then *Trois Essais sur la Théorie de la Sexualité*, Paris, Éditions de la Nouvelle Revue Française. There is besides a complete edition of my writings in Spanish «Obras Completas», of which two volumes have already appeared at the editor Ruiz Castilio, Madrid. Among the English and American literature I could recommend the *Papers on Psycho-Analysis* by Ernest Jones, London, Bailliere, Tindall & Cox and the book *Psychoana-**

lysis by A. A. Brill, W. B. Saunders Company, Philadelphia & London.

Unhappily my purely medical and technical papers have not yet been translated, nor can I advise you a technical guide in any other language. I understand what interest you may take in the young lady whose case you mention. But it is very difficult and even not without some danger to perform an analysis when you have not got the necessary instruction how it should be done correctly. I must say, it is not easy to gain this knowledge by reading books, even if they were the appropriate ones. So you see, I find it rather hard to give you that bits of advice which you most desire.

I expect to hear from you again

*Yours sincerely
Freud (A)*

Pode deduzir-se desta carta que Abel de Castro se dirigiu primeiramente a Freud numa tentativa de informação teórica e técnica sobre a Psicanálise. Preparando o livro *A Valorização do Esforço* (Castro, 1927), que continha algumas passagens sobre teoria psicanalítica, era natural que ele diligenciasse alcançar junto de Freud um complemento de informação. Do último parágrafo da carta é possível presumir que Abel de Castro se tivesse deixado seduzir pela ideia de aplicar ele próprio a técnica psicanalítica, esperando encontrar em Freud um supervisor. Também não é difícil supor que o autor de 24 anos se dirigisse ao velho mestre da Sexualidade para obter um conselho paternal sobre qualquer problema amoroso (v. menção acerca da jovem por quem Abel de Castro se interessava).

O que terá levado Freud a responder a este correspondente desconhecido? Em primeiro lugar sabemos através da biografia de Ernest Jones (1954) que Freud não tinha vocação de eremita. Gostava de receber cartas, respondia rapidamente às que lhe enviavam mesmo que estivesse muito ocupado com a preparação dos seus próprios trabalhos. O facto de a pessoa que lhe escrevia ser de um país distante talvez tenha aumentado a sua curiosidade. Jones também

nos diz que Freud recebia amavelmente qualquer visitante estrangeiro desde que ele mostrasse genuíno interesse pelo trabalho psicanalítico. O mesmo deve ter sido verdade para aqueles que o procuravam de longe através de uma carta. Há exemplos de outros casos semelhantes no livro *Letters of Sigmund Freud* (E. L. Freud, 1960) (vejam-se as cartas 237, 275, 277, 293).

A segunda carta de Freud tem o seguinte teor:

*Wien IX., Berggasse 19
Sept. 22nd 1927*

Dear Sir,

Many thanks for sending me your book! I see you are quoting Psychoanalysis freely in it and I regret I cannot read it in spite of my good knowledge of Spanish. Perhaps when the other work which you announce reaches me I may be able to find someone in Vienna to let me know its contents.

I gather you think strictly religious and I am afraid if my relation to religion were known to you your personal attitude towards me would be less friendly. For the work to be sure it should make no difference.

*Sincerely yours
Freud (B)*

O livro a que se refere Freud nesta carta, pudemos identificá-lo como sendo a obra de Abel de Castro *A Valorização do Esforço* (Castro, 1927), obra que teve duas edições.

Neste trabalho Abel de Castro procura harmonizar Ciência e Religião. Os títulos dos capítulos do livro são: I – O Absoluto e o Relativo; II – Os Dois Mundos (Pensamento e Matéria); III – O Ideal e a Vida; IV – Cristo e o Pragmatismo; V – A Experiência Cristã; VI – A Vitória da Fé.

Chega a simples enumeração do título dos capítulos para se ver que a obra está muito ligada à problemática das crenças religiosas baptistas. É no terceiro capítulo que Abel de Castro descreve brevemente as teorias de Freud. Chega à conclusão que em Freud se pode encontrar mais uma premissa para a harmonização da Ciência e da Religião. Se para o cientista

Freud a base da Vida é o Amor (Libido), a Religião ao acentuar o amor sublimado pela Divindade, está em concordância com a Ciência. Abel de Castro aponta o Cristianismo como doutrina de grande valor pragmático e termina o livro recomendando um Neo-Cristianismo sem ritos, dogmas ou misticismos mas baseado na valorização do esforço da Humanidade.

Não é de admirar que em face de uma consideração das grandes linhas do livro, Freud tenha afirmado que o seu correspondente pensava «*strictly religious*» e que se as suas opiniões sobre religião lhe fossem melhor conhecidas a sua atitude pessoal não seria tão amistosa (no que Freud parece enganar-se, pois as doutrinas religiosas de Abel de Castro, consideradas no seu detalhe, são bastante liberais).

Damos a seguir o texto da terceira carta de Freud:

Berlin – Tegel
Sept. 28th 1928

Dear Professor,

I am glad to have got your news and to hear you do prepare a new book. As it concerns religion I am so free to mention my last publication Die Zukunft einer Illusion where in my manner I treat the subject of the relation between religion and psychoanalysis. This brochure did also appear in English at the Hogarth Press London Tavistock Square. I am sorry I cannot send you a copy possessing none other but my own and spending now some weeks at a foreign place.

As you find my opinion on the matter in this book I hope you will excuse me if I do not try to repeat myself in a letter to you.

What may be interesting in my life is mentioned in a paper «Selbstdarstellung», translated as «Ma vie et la Psychanalyse» by Marie Bonaparte in «Les Editions Bleues de la Nouvelle Revue Française, Paris» (also in an American translation). As regards my features (a man of 72 years) I think they will not mean more to the Portuguese than to other people.

Expecting your further news

I am yours truly
Freud (C)

O novo livro em preparação de Abel de Castro que é questão nesta carta podemos reconhecê-lo como sendo uma obra que chegou a ser anunciada mas nunca publicada: *O Instinto Religioso*. Abel de Castro anunciava o livro como sendo acompanhado de uma carta de Sigmund Freud. Inicialmente deve ter havido um triplo pedido a Freud em relação com a obra projectada: um prefácio, uma notícia autobiográfica de Freud e um retrato. Freud recusa os três pedidos como se vê. Abel de Castro deve ter decidido inserir em seu lugar esta carta de 1928.

A missiva que põe termo a esta curta correspondência é literariamente a mais interessante. É uma pequena obra-prima digna de figurar numa futura antologia epistolar de Freud. O humor de Freud ao mesmo tempo afável e incisivo está presente nas mais delicadas proporções:

Berlin – Tegel
Sept. 26th 1929

Dear Professor,

In my opinion, whether a man prefers matrimonial relations to free sexual intercourse or not is a matter of secondary development and elaboration and rather remote from the original urges (or instincts) of man. Thus the quarrel between you and your friend seems to rest on uncertain ground.

Sincerely yours
Freud (D)

Em conclusão, parece-nos a publicação destas cartas amplamente justificada. São as únicas de Freud até agora encontradas em Portugal. Mostram-nos Freud tolerante, benevolente para com opiniões diferentes das suas, dispensando generosamente o seu tempo. Servem para provar, mais uma vez, como Freud era diferente daquela figura autocrática que os seus inimigos, de tempos a tempos, pretendem fazer ressurgir.

A individualidade do seu correspondente também é digna de interesse. Embora ideologicamente afastado do mestre vienense soube captar alguma coisa da Psicanálise. Em Portugal, outros contemporâneos (médicos) de

Freud tiveram uma compreensão muito mais profunda da Psicanálise. Mas a qualquer deles, apesar de muito superiores cientificamente, faltou-lhes o calor afectivo para tentarem uma aproximação maior de Freud como a que foi ensaiada por Abel de Castro. Por isso ele foi o único desse tempo a deixar aos psicanalistas portugueses uma herança pela qual merece a nossa gratidão.

RESUMO

São apresentadas quatro cartas inéditas de Freud, escritas de 1924 a 1929 e dirigidas a um português — Abel de Castro. A publicação destas justifica-se, entre outros motivos, por serem as primeiras, até agora, aparecidas em Portugal. A biografia, as características psicológicas do correspondente de Freud são reconstruídas, o que permite situar as quatro cartas no seu contexto.

SUMMARY

Four so far unpublished letters by Freud, written to a Portuguese — Abel de Castro — between 1924 and 1929, are presented. The bringing out of these letters seems justified because they are the first by Freud to have appeared in Portugal. The biography, the psychological traits of Freud's correspondent are reconstructed, permitting to consider the four letters in an adequate perspective.

BIBLIOGRAFIA

- CASTRO, A. (1927) — *A Valorização do Esforço*, Livraria Sá da Costa, Lisboa.
 CASTRO, A. (1935) — *Filosofia Elementar*, Livraria Sá da Costa, Lisboa.
 FREUD, E. L., ed. (1960) — *Letters of Sigmund Freud*, Basic Books Inc., Publishers, New York.
 FURTADO, D. (1959) — «Psicanálise e sua situação entre nós», *Jornal do Médico*, 40:293.
 JONES, E. (1954) — *Sigmund Freud. Life and Work*, Hogarth Press, London.
 MONIZ, E. (1915) — «As bases da psico-análise. Lição do Curso de Neurologia», *A Medicina Contemporânea*, 33:377.
 MONIZ, E. (1921) — «O conflito sexual. Conferência plenária do Congresso Luso-Espanhol das Associações para o Progresso das Ciências», *Portugal Médico*, 6:385.
 MONIZ, E. (1924) — «Júlio Deniz e a psicoanálise», *A Medicina Contemporânea*, 42:185.

- MONIZ, E. (1928) — *A Vida Sexual (Fisiologia e Patologia)*, 7.ª ed., Casa Ventura Abrantes, Lisboa, (v. principalmente «Prólogo»)
 SOBRAL CID (1924) — «A vida psíquica dos esquizofrénicos», *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas*, 88:180.

NOTAS

A) Tradução da primeira carta

Viena IX, Bergasse 19
4 de Julho de 1924

Caro Senhor,

Prefiro escrever-lhe em inglês pois V. conhece essa lingua e eu infelizmente não domino a sua.

*Interessou-me muito a sua carta, uma das poucas que jamais recebi do seu país e agrada-me dar-lhe a minha opinião, tanto quanto me é possível. Perguntame que livros sobre Psicanálise pode V. ler num idioma que lhe seja acessível. Vejo que já tem as minhas Conferências e a Psicopatologia da Vida Quotidiana. Há, além disso, dois pequenos livros em francês, o primeiro, *La Psychoanalyse* (Payot) e ainda *Três Ensaços sobre a Teoria da Sexualidade*, Paris, Editions de la Nouvelle Revue Française. Há, também, uma edição em espanhol, dos meus escritos, «Obras Completas», das quais já apareceram dois volumes no editor Ruiz Castilio, Madrid. Dentro da literatura inglesa e americana podia recomendar *Papers on Psycho-Analysis*, por Ernest Jones, Londres, Bailliere, Tindall & Cox e o livro *Psychoanalysis*, por A. A. Brill, W. B. Saunders Company, Philadelphia & London.*

Infelizmente, os meus trabalhos puramente médicos e técnicos ainda não foram traduzidos, nem lhe posso recomendar um guia técnico em qualquer outra lingua. Compreendo o seu interesse pela jovem cujo caso menciona. Mas é muito difícil e mesmo não isento de perigo tentar uma análise quando não se dispõe da preparação necessária para o fazer correctamente. Devo dizer que não é fácil obter essa preparação através da leitura de livros, mesmo que sejam os mais apropriados. Portanto, como vê, é difícil dar-lhe aquela espécie de conselho que V. muito deseja.

Espero ter mais notícias suas.

De V., sinceramente
Freud

B) Tradução da segunda carta

Viena IX, Bergasse 19
22 de Setembro de 1927

Caro Senhor,

Muito obrigado por me ter enviado o seu livro! Vejo que V. alude nele, abertamente, à Psicanálise e lamento não poder lê-lo apesar de conhecer bem o espanhol. Talvez que quando me chegar às mãos a outra obra que anuncia eu consiga encontrar em Viena alguém que me dê a conhecer o seu conteúdo.

Deduzo que V. pensa de maneira estritamente religiosa e receio que se a minha relação com a religião fosse do seu conhecimento a sua atitude pessoal para comigo seria menos amigável. Quanto ao trabalho certamente não faria diferença.

De V., sinceramente
Freud

C) Tradução da terceira carta

Berlim-Tegel
28 de Setembro de 1928

Caro Professor,

Alegro-me ter recebido notícias suas e saber que prepara um novo livro. Como trata de religião tomo a liberdade de mencionar a minha última publicação *Die Zukunft einer Illusion* onde à minha maneira trato o assunto da relação entre a religião e a psicanálise. Esta brochura também apareceu em inglês na Hogarth Press London Tavistock Square. Lamento não poder mandar-lhe um exemplar mas só possuo o meu próprio e estou agora passando algumas semanas no estrangeiro. Como encontrará a minha opinião sobre o assunto neste livro espero que desculpe não me repetir numa carta a si dirigida. O que pode ser interessante na minha vida é referido num ensaio, «Selbstdarstellung», traduzido sob o título de «Ma Vie et la Psychanalyse», por Marie Bonaparte em «Les Editions Bleus de la Nouvelle Revue Française, Pa-

ris» (também em tradução americana). Quanto às minhas feições (um homem de 72 anos) creio que não terão, para os portugueses, maior significado do que para outras pessoas.

Esperando mais notícias suas sou,

De V. atentamente
Freud

D) Tradução da quarta carta

Berlim-Tegel
26 de Setembro de 1929

Caro Professor,

Em minha opinião, o facto de uma pessoa preferir ou não relações matrimoniais à livre actividade sexual é um assunto que diz respeito à elaboração e desenvolvimento secundários e bastante afastado dos impulsos originais (ou instintos) do homem. Assim, a discussão entre V. e o seu amigo parece assentar em terreno inseguro.

De V., sinceramente
Freud

PROF. DR. FREUD

2. Berlin-Tegel
WIEN, IX., BERGGASSE 19.

Sept. 26th 1929

Dear Professor

In my opinion, whether a man prefers matrimonial relations to free sexual intercourse or not is a matter of secondary development and elaboration and rather remote from the original urges or instincts of man. Thus the quarrel between you and your friend seems to rest on uncertain ground.

Sincerely yours
Freud